



CHUVAS NO SUL DA BAHIA

Quase 3 mil desabrigados

Temporais e ventanias estão previstos para outros estados hoje

PARA
ACESSAR
APONTE
O CÉLULAR
PARA
O QR CODE

O APRENDIZADO DO AMANHÃ

Como refugiados afegãos se preparam para tentar uma nova vida no Brasil

ELISA MARTINS
elisa.martins@oglobo.com.br
SÃO PAULO

“Inhame”. “Banheiro”. “Dinheiro”. “Amanhã”. As palavras são repetidas em voz alta com sotaque e curiosidade por cerca de 15 mulheres em um centro de acolhida em São Paulo. São três horas diárias de aulas de português — mulheres e homens em turmas separadas, em respeito à tradição dos alunos, que vêm do Afeganistão. Eles tiveram de deixar seu país com a retomada do poder pelo Talibã e chegaram na onda migratória que tem lotado corredores do aeroporto de Guarulhos, diante das dificuldades de alojamento no Brasil.

Desde setembro de 2021, afegãos têm direito a um visto humanitário no Brasil, concedido por uma portaria do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Chegando, porém, encontram obstáculos para conseguir moradia, trabalho e se fazer entender entre idiomas e culturas tão diferentes. No início da semana passada, mais de 250 afegãos aguardavam ajuda em acampamentos improvisados no aeroporto de Guarulhos. Quem consegue alojamento tem o desafio de começar uma nova vida do zero.

Tem sido assim com 94 afegãos no Centro de Acolhida Especial para Famílias Ebenezzer, na Penha, na Zona Leste de São Paulo. Inicialmente um hotel, o espaço de três andares e 52 quartos foi adaptado às pressas. Famílias e solteiros ficam em quartos separados, mas convivem no pátio do térreo, que ostenta uma bandeira do Afeganistão ao lado de várias bandeirinhas do Brasil, sofás e uma televisão para acompanhar os jogos da Copa. No dia de estreia da seleção na competição, Tahera Jafari, de 24 anos, declarava a torcida:

— Brasil, claro. É meu país agora.

MELHOR É A LIBERDADE

Ela diz que o melhor do Brasil é “a liberdade”. Tahera chegou em meados de setembro com os pais, uma irmã e dois irmãos. O mais velho, Mohammad, trouxe a esposa, Atefe, e um filho de 3 anos, Amir. A caçula de Mohammad, Rahil, de 2 meses, nasceu em São Paulo, apenas 12 dias depois da chegada da família. Moradores de uma das mais importantes cidades afegãs, Herat, eles chegaram a buscar abrigo no Irã, mas não deu certo.

— A situação foi ficando mais difícil. Vendemos nossas casas. Tive que deixar minha faculdade no último semestre — conta Tahera, que estudava Psicologia e trabalhava em uma agência de viagens. — O Brasil foi o único país que nos aceitou. Aprender português e a



FOTOS DE EDILSON DANTAS

cultura brasileira, afirma, são os principais objetivos para a nova rotina. As crianças correm de um lado para outro e arriscam algumas palavras: “obrigado”, “boa tarde”, “não pode”.

— A língua é o primeiro acesso à cultura. Quando começam a falar (o português) podem entender o Brasil e o brasileiro — diz Najua Bazzi, coordenadora do programa Tirando de Letra, do Instituto Educação sem Fronteiras, responsável pelas aulas no abrigo em parceria com o Acnur (agência da ONU para os refugiados) e a organização Aldeias Infantis.

Afegãos há mais tempo no país ajudam na comunicação entre funcionários do centro e os recém-chegados. Às vezes, há atritos: nem todos aceitam que a interpretação do português ao persa afegão seja feita por representantes de etnias diferentes.

— No dia a dia, explicamos que aqui é diferente, que todos merecem o mesmo espaço e tratamento. A integração tem melhorado — conta Euda Portela, gerente do centro de acolhida da Penha.

De agosto do ano passado a 3 de novembro, 3.626 afegãos entraram no Brasil com o visto humanitário, com o maior fluxo a partir de setembro deste ano, segundo a Polícia Federal. Foi com esse visto humanitário que M.A. (ele prefere o anonimato), de 28 anos, pôde vir com a mulher e a bebê de 6 meses.

— Trabalhava em uma organização da sociedade civil, e minha vida ficou em perigo — conta.

Ele e a família ficaram 20 dias acampados no aeropor-



Classes separadas. Mulheres aprendem português em centro de acolhida em SP; homens ficam em outra turma

“Obrigado”, “boa tarde”. Enquanto brincam, crianças arriscam palavras em português

to em Guarulhos e chegaram na semana passada ao abrigo. Não há tempo limite para as famílias permanecerem nos serviços de acolhimento. Segundo a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, elas podem permanecer “até conquistarem sua autonomia”.

É preciso mais vagas, porque os voos continuam chegando. A prefeitura de Guarulhos, que frisa não ser o ente responsável pela acolhida, diz que desde o aumento da chegada dos afegãos ao Brasil tem trabalhado “de forma emergencial” para conseguir lidar com a demanda. O maior desafio, acrescenta, é a imprevisibilidade de quantas pessoas chegarão, e quando.

O acolhimento é coordenado pelo Ministério da Cidadania, que repassou, a pedido da prefeitura de Guarulhos, R\$ 240 mil em outu-

bro, para ajudar o município a atender os afegãos. Segundo a pasta, não foram pedidos novos recursos. O ministério disse que a União está “sempre disponível para colaborar com estados e municípios”, mas a estrutura do atendimento é responsabilidade dos municípios.

Até o fim do mês, uma organização civil assumirá parte da demanda, abrindo um abrigo para receber 50 pessoas em Guarulhos. Há previsão de mais 50 vagas até o final do ano, totalizando 197 vagas para acolhimento de afegãos na cidade, diz a prefeitura. Na capital paulista, 135 imigrantes afegãos estão acolhidos na rede socioassistencial, in forma de Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social.

Mas os afegãos também estão em outros espaços. Na Missão Paz, dos missionários católicos scalabrinianos

— que acolhe e oferece capacitações a imigrantes e refugiados — os afegãos são hoje o grupo majoritário, à frente de angolanos e venezuelanos: há cerca de 40 no espaço no Centro de São Paulo.

— A maioria não fica aqui. Uns dois meses depois da chegada, esse grupo se reorganiza para subir por terra para Estados Unidos e Canadá, onde acha que haverá mais oportunidades de trabalho — conta o padre Paolo Parise, coordenador da Missão Paz.

Para ele, a atual crise humanitária, a maior que já viu com afegãos, mostra que não aprendemos com as lições do passado:

— Tivemos as crises anteriores com haitianos, sírios, venezuelanos. Se um país decide conceder visto humanitário para um grupo, precisa minimamente se preparar, porque eles virão.



“Vendemos nossas casas. Tive que deixar minha faculdade no último semestre. O Brasil foi o único país que nos aceitou”

Tahera Jafari, refugiada afegã

“Se um país decide conceder visto humanitário para um grupo, precisa se preparar”

Padre Paolo Parise, da Missão Paz